**A natureza da homilia**

***Frei Antônio Beckauser[[1]](#footnote-1)***

Para se poder falar sobre a formação do homiliasta[1], importa se ter claro o que seja a homilia. Só assim podemos tratar da formação do homiliasta.

Trata-se aqui de uma colocação introdutória que possa iluminar o tema central do Encontro.

Não vou entrar na questão da evolução histórica da pregação cristã. Todos sabemos distinguir entre pregação querigmática, pregação pastoral, pregação catequética e outras formas de pregação do Evangelho. Nem é o caso de se tratar da forma do discurso homilético nem da arte da oratória e da eloqüência. Tais questões são reservadas a outros momentos.

Nos últimos anos se produziu bastante sobre a pregação homilética, mas nem tanto sobre sua natureza teológica litúrgica. Aqui nos restringimos à natureza da homilia à luz da Sacrosanctum Concilium, sem considerar o seu desdobramento sobretudo na Instrução Geral sobre o Missal Romano e na Introdução Geral ao Ordo Lectionum Missae.

**1. A Sacrosanctum Concilium**

Em três passagens, a Sacrosanctum Concilium fala sobre a natureza da homilia.

A primeira encontra-se no contexto da importância da Sagrada Escritura na celebração litúrgica:

“Pois dela [da Sagrada Escritura] são lidas as lições e explicadas na homilia” (Ex ea enim lectiones leguntur et in homilia explicantur”) (SC, 24).

A segunda aparece, onde se trata da leitura da Sagrada Escritura, da pregação, da catequese litúrgica e da celebração da Palavra de Deus:

“Seja também anotado nas rubricas, conforme a cerimônia o permitir, o lugar mais apto para o sermão, como parte da ação litúrgica (utpote partis actionis liturgicae); e o ministério da pregação seja cumprido com muita fidelidade e exatidão. Deve a pregação, em primeiro lugar, haurir os seus temas da Sagrada Escritura e da Liturgia, sendo como que a proclamação das maravilhas divinas, na história da salvação ou no mistério de Cristo, que está sempre presente em nós e opera, sobretudo nas celebrações litúrgicas” (SC, n. 35,2).

A terceira passagem encontra-se no capítulo sobre a reforma do Sacrossanto Mistério de Eucaristia:

“Recomenda-se vivamente como parte da própria Liturgia (ut pars ipsius Liturgiae), a homilia pela qual, no decurso do ano litúrgico, são expostos os mistérios da fé e as normas da vida cristã a partir do texto sagrado”.

Realcemos algumas afirmações:

1. A homilia é parte da ação litúrgica ou parte da própria liturgia;
2. A homilia haure seus temas da Sagrada Escritura e da Liturgia;
3. A homilia é compreendida como explicação ou explanação das leituras bíblicas;
4. A homilia é como que a proclamação das maravilhas divinas, na história da salvação ou seja, no mistério de Cristo;
5. Na homilia está presente e opera em nós o mistério de Cristo.
6. A homilia constitui um ministério de pregação;
7. Em vez de homilia ainda se usa o termo sermão (sermo) como sinônimo de homilia. (Nos Padres da Igreja latinos, o sermo era praticamente sinônimo de homilia).

2. A homilia se reveste das características essenciais da Liturgia

Sendo “parte da própria Liturgia”, ou “parte da ação litúrgica”, a homilia tem as características da própria Sagrada Liturgia na sua compreensão teológica de Mistério do Culto de Cristo e da Igreja.

Ao celebrar os mistérios de Cristo, a Igreja os contempla, os traz à memória através da Palavra de Deus, que narra e novamente revela e atualiza a Economia divina da Salvação, manifestada e realizada na História da Salvação.

2.1. O caráter memorial da homilia. – A proclamação da Palavra de Deus em si já tem caráter litúrgico, memorial, celebrativo, sacramental. A palavra de Deus se atualiza, quando ela é proclamada em assembléia de culto:

“Nunca, depois disso, a Igreja deixou de reunir-se para celebrar o mistério pascal: lendo ‘tudo quanto a Ele se referia em todas as Escrituras’ (Lc 24, 27), celebrando a Eucaristia, na qual ‘se torna novamente presente a vitória e o triunfo de sua morte’ e, ao mesmo tempo, dando graças ‘a Deus pelo dom inefável’ (2Cor 9,15), em Jesus Cristo ‘para louvor de sua glória’ (Ef 1, 12), pela força do Espírito Santo” (SC, 6).

Além disso, “presente está pela sua palavra, pois é Ele mesmo que fala quando se lêem as Sagradas Escrituras na Igreja” (SC, 7).

A Palavra de Deus, o Verbo, não é apenas lida ou proclamada, mas é celebrada. Ela é atualizada no memorial da mesma. A proclamação da Palavra de Deus tem valor salvífico em si mesma.

A homilia se situa entre a proclamação da Palavra de Deus ou a Liturgia da Palavra e a assim chamada Liturgia sacramental, onde ela se realiza, formando ambas as partes um só ato de culto, uma só celebração sacramental.

Ela está a serviço tanto da Mesa da Palavra como da Mesa do Pão, sendo o elo entre ambas. Faz a transição entre a Palavra de Deus proclamada na Liturgia da Palavra e a resposta dada a ela. Situa-se entre a proposta de Deus, manifestada na Palavra e a resposta da assembléia, na Liturgia e na vida. Não é apenas elo ou transição. A homilia em si mesma é memorial, em que se renova a Aliança.

À luz das Escrituras, o Senhor Ressuscitado iluminou os fatos acontecidos a respeito do Jesus de Nazaré, fazendo-os compreender o mistério pascal na celebração, em que Jesus deu graças e partiu o pão, e na vida, transformando-os em mensageiros da boa-nova (Cf. Lc 24, 13-35).

Vale lembrar a participação de Jesus no culto sinagogal da Palavra, em Nazaré, narrada por Lucas, onde Ele mostra a atualização da palavra proclamada (cf. Lc. 4,16-30). “Hoje, se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir”.

Na homilia, diferente do tradicional sermão, a Palavra de Deus proclamada é que orienta a pregação. Ela deixa a Palavra de Deus falar.

No sermão, como o termo foi usado após o tempo dos Padres da Igreja, quando era praticamente sinônimo de homilia, o objetivo ou o tema é central. A Sagrada Escritura é usada para fundamentar a tema a ser exposto.

A homilia não quer ser uma aula de Teologia. Não tem como primeira finalidade ensinar ou instruir na doutrina. Não é uma exposição de um assunto de Moral, de Exegese, de Psicologia ou de Pedagogia ou mesmo de Catequese, embora esses aspectos possam estar mais ou menos presentes.

Pode-se dizer que a homilia tem, como objetivo primeiro, colaborar com Deus para que sua Palavra melhor se encarne, para que sua Palavra seja melhor compreendida, encontre uma terra boa que produza muito fruto. E quer ajudar a assembléia a dar, por sua vez, uma resposta adequada à Palavra proclamada, na celebração e na vida, considerando-se sempre que a própria proclamação da Palavra de Deus já constitui um ato de culto, uma renovação da aliança entre Deus e os seres humanos em Cristo Jesus.

Em outras palavras, a homilia é o momento do confronto entre a Palavra proclamada, no contexto do mistério celebrado e a vida do cristão. Deste confronto brotará, como resposta, a conversão. Esta conversão pode adquirir a forma de arrependimento, de adoração, de intercessão, de louvor, de ação de graças e de compromisso de vida.

Resumindo, podemos dizer que a homilia tem por finalidade colaborar com Deus para que sua Palavra se encarne no hoje da vida dos fiéis; ajudar o povo fiel e ao próprio homiliasta que celebram os mistérios de Cristo, a darem uma resposta à Palavra ouvida na fé, na esperança e na caridade, na celebração e na vida; levar à conversão permanente, que consiste em voltar-se cada vez mais para Deus e para o próximo no amor; recolher os motivos de ação de graças; despertar as atitudes do sacrifício de Cristo, do seu Corpo dado e do seu Sangue derramado, na Liturgia e na vida; levar ao compromisso de viver de acordo com a Palavra ouvida e os mistérios celebrados.

2.2. O caráter contemplativo orante da homilia. – A homilia quer atingir o coração das pessoas, o ser humano em sua totalidade, em todas as suas faculdades e sentidos. Ajuda a assembléia a contemplar o mistério celebrado para lançar-se mais profundamente nele, para melhor vivenciá-lo na Liturgia celebrada e na liturgia da vida.

A Palavra de Deus celebrada, ritualmente proclamada, distingue-se por seu caráter orante. Ela é ouvida em atitude de fé, na esperança, visando sempre a caridade. Contemplando os mistérios de Cristo, a assembléia mergulha neles, é atingida por eles. Na sua escuta, a Palavra de Deus é contemplada.

Hoje em dia, fala-se muito em leitura orante da Bíblia. Certamente, a Liturgia da Palavra nas assembléias do culto da Igreja, constitui a forma mais original da lectio divina. Ela pertence à espiritualidade cristã desde as origens. Firmou-se na Celebração da Eucaristia, nas Vigílias e nos Noturnos, agora, Ofício das Leituras da Liturgia das Horas. Permaneceu viva através dos séculos entre os monges, em momento próprio fora das celebração. Hoje, está sendo resgatada. Convém que seja feita também individualmente, sobretudo pelo homiliasta.

No entanto, importa ajudar a assembléia litúrgica a realizar uma escuta orante da Palavra de Deus. As leituras e o Evangelho devem ser rezados na própria escuta, constituindo verdadeiro diálogo entre a proposta de Deus e a resposta da assembléia, onde já se renova a aliança entre Deus e a assembléia. Neste sentido, a homilia não é simples transição entre a Liturgia da Palavra e a Liturgia eucarística, mas ela mesma constitui um diálogo entre Deus e a assembléia, onde se renova a Aliança em Cristo Jesus.

Esta escuta orante da Palavra de Deus, por vezes, toma a forma de oração propriamente dita. É o caso, por exemplo, do Salmo responsorial e da Aclamação ao Evangelho.

Assim também a homilia. Nela estará presente a oração sob vários aspectos. Sendo a homilia antes de tudo contemplação do mistério da fé e sua explicação, (explanação) ou explicitação, atualizando-a no aqui e agora de uma Comunidade de fé, o ministro da homilia só poderá falar na força do Espírito Santo. É no Espírito recebido em sua ordenação, que o homiliasta exerce sua missão de profeta, sacerdote e guia da grei a ele confiada. Também para a pregação no culto, o sacerdote recebeu o Espírito Santo pela imposição das mãos e para isso foi enviado. Só na luz e na força do Espírito Santo, ele poderá dar testemunho do que prega e ser fiel ao mistério de Cristo contemplado e proclamado. Não estaria aqui a razão por que o ministro ordinário e próprio da homilia é o ministro ordenado, sobretudo o Bispo? Aos Apóstolos foi confiado o tríplice poder messiânico de preta, sacerdote e rei, ou do anúncio do Evangelho, da santificação e de governo ou pastoreio.

É sobretudo na Eucaristia, que o Bispo é chamado a anunciar o Evangelho, conforme o ensinamento de São Paulo:

 “Trago-vos à memória, irmãos, o Evangelho que vos tenho pregado e recebestes, no qual estais firmes. Por ele sereis salvos, se o conservardes como eu vos preguei. De outra forma em vão tereis abraçado a fé. Pois, na verdade eu vos transmiti, em primeiro lugar, o que eu mesmo recebi: que Cristo morreu por nossos peados, segundo as Escrituras; que foi sepultado; que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras, e que apareceu a Cefas, depois aos Doze. Posteriormente apareceu a mais de quinhentos irmãos de uma vez, dos quais muitos ainda vivem, outros já morreram. Depois apareceu a Tiago, depois a todos os apóstolos. E depois de todos, como a um filho abortivo apareceu também a mim”.

Este é o mistério pascal sempre de novo comemorado e renovado na Celebração dos Sacramentos, particularmente na Eucaristia.

Repito, a finalidade primeira da homilia não é a de transmitir verdades nem a mera explicação exegética da Palavra de Deus, mas a de evocar, contemplar, proclamar, testemunhar e comunicar os mistérios de Deus revelados e realizados em Jesus Cristo e atualizados na Celebração memorial dos mesmos.

Mas, a própria homilia constitui uma forma de oração, com caráter de contemplação dos mistérios celebrados, em forma de profissão e testemunho da fé, em forma de ação de graças pelas maravilhas de Deus, manifestadas na História da Salvação. Possui o caráter de louvor e de glorificação.

Quando o homiliasta crê no que prega, reza o que contempla, também a homilia se torna uma forma de oração para toda a assembléia. Ela se reuniu para a oração, ela conseguiu entrar em íntima comunhão com Deus, por Cristo, no Espírito Santo. Então, ela não se dispersará com a impressão de não ter levado nada, pois ela carrega em si o mistério a ser vivido no dia-a-dia, na Liturgia vivida, na ação da caridade. Terá havido conversão, terá havido crescimento no amor de Deus e do próximo. É isto que entendemos por comunicação litúrgica na homilia, distinta da arte da comunicação também importante. Dá-se uma participação ativa e eficaz.

Ao fazer a homilia, o sacerdote se inclui. Ele fala também para si mesmo. Ele proclama sua fé, ele dá testemunho do mistério pascal de Cristo, núcleo central de toda pregação cristã.

O homiliasta nunca deve esquecer de que a mensagem transmitida pela Palavra de Deus é sempre maior do que o conteúdo de sua pregação. Cada fiel ouvinte, hoje, quando a Palavra de Deus é proclamada na língua do povo, captará também conteúdos da mensagem, diretamente, pela ação do Espírito Santo. Nesta acolhida da mensagem, o fiel será auxiliado, enriquecido pela homilia. Quando a Palavra era “lida” em língua desconhecida e em voz baixa, o homiliasta, tinha que se transformar em anunciador do conteúdo da fé, em catequista. A própria Palavra proclamada e rezada já é anúncio, já é mensagem. Cada ouvinte da Palavra é atingido pela ação do Espírito Santo. O homiliasta realça, explica (desdobra), ilumina o aspecto pascal do mistério pascal celebrado.

Neste sentido, o discurso homilético talvez seja mais amplo do que a homilia propriamente dita. Ele se manifesta também nas introduções à celebração e à Liturgia da Palavra como um todo, dispondo os participantes a acolherem a Palavra em atitude orante, em atitude de conversão, abertos à ação do Espírito Santo. Quem faz a homilia dispõe-se a incluir toda essa ação da Palavra nos corações dos fiéis na ação de graças e no sacrifício memorial de Cristo na Cruz.

Esta contemplação vivenciada levará a um compromisso renovado de vida. Trata-se de despertar atitudes, evocar motivos de ação de graças, exortar para o crescimento e a perseverança no seguimento de Cristo.

2.3. O caráter eucarístico ou de ação de graças da homilia. – Podemos dizer também que a homilia busca recolher os motivos de ação de graças a partir de uma penetração mais profunda na mensagem da Palavra de Deus e do mistério celebrado e dispor os corações para entrarem na atitude sacrificial de Cristo, isto é, do Corpo de Cristo dado e do Sangue de Cristo derramado, na atitude do amor, da entrega total a Deus e ao próximo.

A homilia evoca, narra, proclama os benefícios de Deus em favor do ser humano, manifestados sobretudo em Jesus Cristo, razão ou motivo da ação de graças que se segue. Desperta a fé, a esperança e a caridade. Ajuda a assembléia a conformar sua vida com o plano de Deus que se torna presente na celebração. Ajudará a despertar a atitude sacrificial dos membros da assembléia, atitude que consiste em entrar na própria atitude de Cristo diante do Pai, manifestada no mistério de sua morte e ressurreição: atitude de entrega, atitude de Filho muito amado. A Assembléia, acolhendo a Palavra, deixa-se possuir por ela nas virtudes da fé, da esperança e da caridade; ela gera a Palavra e a devolve a Deus com frutos pela palavra e o testemunho de vida. Trata-se, pois, de ser ouvinte atento da palavra, de acolhê-la, de concebê-la no coração, a exemplo de Maria e restituí-la a Deus com fruto.

1. *Palestra proferida na 15ª Assembléia da ASLI (Associação dos Liturgistas), realizada em Belém Pará, nos dias 02 a 06 de fevereiro de 2004* [↑](#footnote-ref-1)